

## CADEIRA N.º 28

*Patrono:* Mário da Silveira

*Vaga:* Falecimento de Júlio Maciel

*Recipiêdo:* Artur Eduardo Benevides

*Recipiendário:* João Jacques Ferreira Lopes

*Data da posse:* 1968

JOÃO JACQUES FERREIRA LOPES. Filho de Henrique Jorge Ferreira Lopes e Júlia Magalhães Lopes, nasceu em Fortaleza, no dia 27 de janeiro de 1910. Tem exercido várias funções públicas, entre estas a de Secretário de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Fortaleza. Cronista, poeta, jornalista e pintor. Publicou: *Alma em Corpo Oito* (1964); *Aspectos Econômicos do Ceará* (1964); *A Grande Viagem* (1966); *Os Cardeiros Sangram* (1967); *Uma Fantasia e Nove Histórias Reais* (1969); *A Canção do Tempo*; *A Prece do Menino Aflito* e *Sala de Espera*.

---

*Artur Eduardo Benevides*

Falar em nome da Academia para fazer-vos a saudação oficial da Casa de Thomaz Pompeu, que se enriquece espiritualmente com a vossa vinda, é um privilégio que jamais poderia transferir a outrem, tão grande a honra e tão intensa a emoção que isso me causa.

Crede: a escolha de meu nome deixou-me fortemente desvanecido, por serem profundos não apenas os nossos laços afetivos, mas sobretudo minha admiração por vosso talento excepcional e plasticidade de espírito.

Acredito mesmo que esta cerimônia já se faz tardiamente, pois de há muito deveríeis estar participando das glórias desta Casa, que vos escolheu por votação unânime, reconhecendo

as altas qualidades que vos projetam como um intelectual autêntico e um cidadão prestante, cuja obra merece o respeito da comunidade.

Quem pratica, porém, como vós, a virtude da humildade, por força de formação moral e filosófica, jamais participou dos corrilhos literários e da política dos grupos, mantendo-se equidistante e solitário, entregue tão-somente à faina criadora. Talvez por isso, somente agora, atendendo a rogos de amigos, resolvestes ingressar na Academia, recebendo consagradora unanimidade de votos. Quem poderia ter chegado aqui na primavera preferiu fazê-lo no outono, quando já é longo o caminho percorrido, trazendo no espírito, porém, a sabedoria e a paz que o tempo nos confere.

Saudando-vos em outra oportunidade, quando lançáveis o livro *Alma em Corpo Oito*, publicado sob os auspícios da Universidade do Ceará, evoquei a vossa figura de adolescente, na nobre e gentil cidade de Pacatuba, alimentando-se da poesia que nasce da tranqüila beleza da serra. Ali, quando freqüentáveis o velho sobrado de Monsenhor Liberato, já se falava em vossa primorosa inteligência, em vossa alma de sonhador e de artista, que herdastes de um homem a quem o Ceará muito deve: o maestro Henrique Jorge, vosso ilustre pai. Nos serões familiares, vossa imaginação criava asas e revelava as fantasias de um espírito no qual se entremostravam o escritor, o poeta e o jornalista que seríeis. E em todos os momentos de vossa vida o anjo da Poesia, silencioso e belo, acompanhou os vossos passos, levando-vos a escrever páginas de imperecível beleza, nas quais, através das filigranas das frases escorreitas e dos versos, continúa presente em vós aquele mesmo adolescente, eternamente deslumbrado e enternecido com os mistérios de Deus e os segredos do homem e da natureza.

Criais uma obra a um só tempo visual e psicológica. Intérprete do mundo ecumênico, das causas que vos rodeiam, sabeis transfigurar a realidade e aprender as sutilezas dos fenômenos e fatos mais simples, possuindo, ademais, extraordinário poder de síntese, que vos ajuda a dizer muita coisa em

poucas palavras. Ao lado da horizontalidade das inscrições e dos registros, a verticalidade dos símbolos, das imagens e dos conceitos sempre felizes. E tudo isso vos torna um escritor autêntico e um poeta legítimo, embora bissexto, cuja voz, em prosa ou em verso, ouvimos com agrado, pois a poesia, muito mais que a forma, é o espírito da arte.

O que tendes feito, ao longo da vida, é escrever. O ofício literário vos fascinou desde os verdes anos e vos mantivestes fiel a essa legítima vocação de vosso espírito.

Portador de estilo ágil e vigoroso, mas comedido e sóbrio, com linguagem valorizada pelo aticismo e por uma imagística lírica, em que sobreleva a metáfora quase sempre, ofereceis ao mundo, continuamente, uma mensagem de paz, de solidariedade, de ternura humana, de amor às cousas e de espiritualidade, a que não falta, vez em quando, certo tonus de ironia. A formação humanística que tivestes está presente em todos os momentos de vossa criação literária ou jornalística. Em tudo o que escreveis há um pouco da vossa alma generosa e fraterna, que se desdobra em oferendas de amor e de compreensão, diante da problemática do homem e do mundo. Mesmo assim, não vos preocupastes muito com a publicação de livros. Mas a vossa produção é numerosa e rica, nos suplementos literários, nas revistas e antologias, levando à humanidade um pouco da vossa fisionomia interior, fortalecida sempre por dois valores essenciais: dignidade e cultura.

Até aqui, publicastes apenas três livros: *Alma em Corpo Oito* e *A Grande Viagem*, ambos de crônicas, e *Aspectos Econômicos do Ceará*, reportagem da seca. Desnecessário será dizer que a crítica, na Província e fora dela, vos acolheu elogiosamente, pondo em relevo os traços marcantes de vossa personalidade literária. Creio, porém, que algumas das vossas melhores criações não se encontram nos livros editados, mas espalhadas por aí, como esmeraldas caídas à margem dos caminhos.

Sois um intelectual de produção constante, sobretudo na imprensa, assinando crônica diária. Nelas, a exemplo de Álvaro Moreyra, Rubem Braga, Henrique Pongetti, Fernando Sa-

bino, Millor Fernandes, Paulo Mendes Campos, Eneida e Milton Dias, sem dúvida os melhores cronistas da moderna literatura brasileira, fazeis comentários de muito *sense of humour* e lançais objurgatórias ou aplausos, narrais pequenas histórias e dramas, enlevais os leitores com trechos poéticos e flagrais a vida em suas sutilezas, mostrando-nos a face imaterial das cousas e dos seres.

Não cabe aqui nenhuma indagação sobre a aceitação ou não da crônica como gênero literário, pela crítica contemporânea. Ela seria para muitos um produto híbrido de jornalismo e arte literária, perdendo aquele caráter documental que a identificou desde a Idade Média. Para outros, não haveria crônica, mas poema em prosa, *short-story* ou simplesmente ensaio, como pensa o douto Braga Montenegro. Alinho-me, porém, entre aqueles que a aceitam como gênero definido e autônomo, que já não pode ser confundido com o seu equivalente histórico. E, dentro desse gênero, que é o melhor instrumento, talvez, para fixação do cotidiano, o nosso País conta com excelentes valores, que permanecerão, na nossa história literária, como escritores da mais alta expressão e personalidade.

Pois é nesse gênero que vos realizais com maior segurança e domínio estilístico, muito embora não vos faltem condições para o conto e a poesia. Em todos, aliás, tendes demonstrado o vosso talento.

Sois um escritor consciente da missão histórica que deve desempenhar no mundo. Tendes na mais alta conta a liberdade de criação, essencial para a manutenção do patrimônio cultural e perpetuidade da arte. E por isso não comprometestes a vossa obra com engajamentos em filosofias ou doutrinas contrárias à intangibilidade da pessoa humana.

Sois um escritor. Bastaria isso para vos dar uma característica maior aos nossos olhos, que temos na mais alta conta o ato de criação literária e artística. E reunis a essa circunstância o fato de apresentardes uma obra qualitativamente rica, transmitindo-nos a mensagem de um espírito nobre e justo, dotado de excelente capacidade de visualização dos

problemas espirituais e sociais do homem e de seus desejos de amor, de paz e de concórdia, alimentados pelas auras do sonho, da fé e da esperança.

Por isso mesmo penetrais triunfalmente nesta Casa e sois homenageado, nesta hora, pelos intelectuais cearenses, num justo prêmio ao vosso alto merecimento. Melhor escolha não poderia ter sido feita pela Academia, que vos concede a honra de ser o sucessor de Júlio Maciel, que forma, com Mário da Silveira, o Patrono da Cadeira, autor desse livro extraordinário que é *Coroa de Rosas e Espinhos*, duas das mais altas vozes da nossa poesia, em todos os tempos, e cuja obra, por sua beleza, está a exigir urgente reedição a cargo da Universidade ou do Governo do Estado.

O ingresso na Academia é o coroamento natural do vosso trabalho, no campo da cultura, o reconhecimento do valor da vossa produção intelectual, a consagração definitiva do vosso talento. Aqui podereis contribuir, ainda mais, para o prestígio intelectual do Ceará, ao lado dos novos companheiros, que se rejubilam com o vosso ingresso no ilustre grêmio.

Recebei, portanto, as saudações mais cordiais e fraternais da Academia, que se honra com a vossa participação em sua vida, e muito espera do vosso trabalho e dedicação, para maior glória do nome que ostenta o maior relevo do Ceará nos quadros gerais da cultura brasileira.

Sede bem-vindo. A Casa é vossa. E todos se alegram, neste momento, para vos acolher.